



**AMBIENTE PRÉ-ESCOLAR:
a manifestação de preconceitos e a intervenção do educador**

Maria Helena Kanashiro Ogawa*

José de Souza Neto**

RESUMO

A proposta dessa pesquisa teve como objetivo levantar indicativos de manifestações preconceituosas em crianças de 5 e 6 anos na fase pré-escolar, tanto nas atividades desenvolvidas dentro da sala de aula quanto nos espaços de recreação, e explicitar como as possíveis intervenções estabelecidas pelos professores, exercem interferência no tipo de relação social assumida entre coetâneos. O estudo caracterizou-se como qualitativo, orientando-se por pressupostos do materialismo histórico. A coleta de dados foi realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil na cidade de Sinop, no interior do Estado de Mato Grosso, utilizando como instrumentos metodológicos questionário fechado aos professores, observações e anotações em diário de campo tendo como foco analítico a explicação de como elas, em virtude de intervenções estabelecidas pelos professores, tomam para si conhecimentos estereotipados que rotulam pejorativamente a diferença, marca patente na construção do homem arquitetada em desígnios hierárquicos e homogeneizadores. Os resultados da pesquisa foram divididos em três categorias: preconceito de gênero, preconceito de raça e preconceito de beleza, e apontaram para a existência de manifestações preconceituosas embasadas nessas categorias durante as atividades em sala de aula e durante a recreação, além de ressaltar a importância exercida pela intervenção docente na contestação dessas atitudes. Neste trabalho para a fundamentação teórica recorreremos aos autores: Karl Marx, José Leon Crochik, Lev Vygotsky entre outros. A pesquisa finaliza destacando a necessidade da realização de estudos mais profundos que investiguem como as crianças se apropriam do preconceito desde a mais tenra idade.

* Acadêmica do 7º semestre do Curso de Pedagogia, Campus Universitário de Sinop, UNEMAT. Pertence ao grupo de orientação do Professor Me. José de Souza Neto.

** Possui Mestrado em Economia pela Universidade Estadual Paulista (UNESP) - Campus de Araraquara (2001). Atualmente é professor titular da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Universitário de Sinop.

Palavras-chave: Educação. Educação Infantil. Manifestações Preconceituosas. Crianças de 5 a 6 anos. Capitalismo e dialética.

1 INTRODUÇÃO

O preconceito existe e pode ser notado diariamente. Recordo que durante a minha infância, por obter notas altas no colégio era considerada “CDF” (apelido dado a quem estuda demais) por alguns colegas, e taxada de inteligente por ter descendência japonesa. Algumas amigas afrodescendentes ouviam comentários maldosos sobre seus cabelos cacheados. O uso de óculos também era motivo para geração de apelidos. Vivenciando esses fatos, o preconceito e a discriminação sempre me incomodaram e muito. Diante desse fato, para a elaboração do Trabalho de Conclusão de Curso, meu orientador e eu optamos pela investigação dos preconceitos. Por esse motivo, nosso objetivo foi levantar indicativos sobre a manifestação de preconceitos com crianças de 5 a 6 anos de idade e de que forma os professores intervêm nessas manifestações.

2 PROCEDIMENTOS TEÓRICOS METODOLÓGICOS

Ancorados em uma perspectiva materialista histórica, destacamos que qualquer delineamento de pesquisa deve se iniciar pela explanação do objetivo do referido estudo, pois como Vygotsky (2004) ressalta, quando sabemos o que queremos, é mais fácil estabelecer os caminhos rumo a essa direção, ou seja, tracejar o ‘como’.

A opção teórica e metodológica pela Pesquisa Qualitativa deu-se ao fato de que Triviños destaca que o “novo conhecimento deve refletir” [...] a realidade, isto é, nossos conceitos devem apresentar as mesmas manifestações da realidade objetiva” [...] (2007a, p. 19). Reside nesse movimento a força da pesquisa qualitativa, mais do que uma abordagem metodológica, mas como afirmação do pesquisador diante da realidade pesquisada.

O objetivo geral desta pesquisa consistiu em levantar indicativos de manifestações preconceituosas em diversas categorias em crianças pré-escolares de 5 e 6 anos e de que forma o professor intervêm nessas manifestações. O palco desta pesquisa foi o Centro Municipal de Educação Infantil Tempo de Infância, situado na cidade de Sinop no interior do Estado de Mato Grosso. A pesquisa foi feita com 6 turmas de Pré II e a observação foi realizada num período de 15 dias com duração de 1 hora e durante os estágios. A coleta de dados realizada no interior da instituição de Educação Infantil teve como enfoque principal a

observação dos inter-relacionamentos apresentados em sala de aula e durante os momentos de recreação.

Como instrumento metodológico para a obtenção dos dados, utilizamos observações, questionário fechado aos professores, relatos e conversas com as crianças (anotadas em um diário de campo) no período em que brincavam livremente pelo parque da unidade pré-escolar. As intervenções das professoras também se constituíram como um interessante espaço de análise dos atos praticados pelas crianças, principalmente, pela introdução de questionamentos sobre algumas atitudes presenciadas na comunicação entre os alunos. A fundamentação deste artigo contempla os autores: Marx, Crochik e Vygotsky entre outros.

3 HISTÓRICO DO PRECONCEITO

O primeiro fato a ser destacado sobre a natureza do preconceito é que ele possui uma história social, cultural e não natural. O preconceito é tão antigo quanto às relações de poder entre os homens, cuja gênese está relacionada ao aparecimento das classes sociais e da propriedade privada, uma vez que anteriormente, toda divisão do trabalho era estabelecida coletivamente, não havendo hierarquização nas funções ou postos sociais ocupados por cada indivíduo. A existência de relações hierárquicas nas atividades, reserva tarefas sociais diferentes para os sujeitos pertencentes às classes dominadas se comparadas àquelas realizadas pelos dominantes. Além disso, essa divisão cria pela primeira vez um mecanismo de valoração comparativo entre essas tarefas: as atividades realizadas pelos dominantes passam a ser encaradas como estando em uma posição de superioridade qualitativa em relação àquelas executadas pelos dominados.

O preconceito se configura como um fenômeno alienante presente em diversas esferas sócio culturais, retirando dos homens as possibilidades de transformações e reflexões sobre a realidade existente. Consequentemente, sua ação visa a naturalizar determinado contexto social e político, adequando os sujeitos a uma concepção de mundo ideal para os setores hegemônicos da sociedade.

Enriquecendo essas conceituações, de acordo com Crochik (1997, p.42):

Os preconceitos são opiniões, julgamentos e valores que servem a interesses em geral inconscientes do indivíduo, que teve que se valer deles para poder se adaptar a cultura. Assim, o significado que assume o termo não é, na atividade, algo que a experiência acumule, e que gere a ação sem bloquear a reflexão, mas algo que, sem ser natural, toma como base à natureza humana. É construído. É verdade que o preconceito envolve a generalização de certas características não pertencente ao objeto, ou seja, são também imaginárias. Mas isso não significa nem que seja um

processo cognitivo, antes disso, é a sua negação, e nem que a imaginação esteja livre, pois o subjetivo petrificado no preconceito a impede.

Embasando-nos em Vygotsky (1993), destacamos que o preconceito é um processo de generalização deturpado e falacioso que não atingiu o patamar qualitativo necessário para a formação dos conceitos científicos, e sua petrificação nas esferas cotidianas nos impede de elevarmo-nos para as esferas humano-genéricas.

A escola tem um papel fundamental para ensinar como respeitar as diferenças, pois um ambiente que estimula o respeito à diversidade, ajuda a formar jovens mais tolerantes, mais educados e mais preocupados com a coletividade.

A experiência escolar amplia e intensifica a socialização da criança. O contato com outras crianças da mesma idade e com outros adultos não pertencentes ao grupo familiar vai possibilitar outros modos de leitura do mundo.

De acordo com o Referencial Curricular para Educação Infantil (1998), a escola deve primar pela qualidade das interações, considerar às diversidades culturais, sociais e ambientais para que a criança possa construir uma identidade autônoma e desenvolver todas as habilidades para uma vida social. É exatamente na Educação Infantil que as crianças iniciam seu processo de desconstrução e reconstrução de conhecimentos.

O Plano Nacional de Educação (PNE) completa esta discussão afirmando que a Educação Infantil: “é a primeira etapa da Educação Básica. Ela estabelece as bases da personalidade humana, da inteligência, da vida emocional e da socialização. As primeiras experiências da vida são as que marcam mais profundamente a pessoa. Quando positivas, tendem a reforçar ao longo da vida, as atitudes de autoconfiança, de cooperação, solidariedade e responsabilidade.” (PNE, p.46)

Por essa razão, se destaca a importância de se trabalhar o respeito às diferenças raciais, culturais e sociais nessa fase de aprendizagem.

4 CATEGORIAS DOS PRECONCEITOS ANALISADOS

Constatamos durante a pesquisa três tipos de preconceito entre os pré-escolares: o de gênero, o de raça e o estético. A seguir abordaremos seus conceitos.

Gênero é uma categoria que se constitui a partir das diferenças destinadas aos homens e mulheres no processo de inserção e enraizamento social, diferenças que se estendem desde o papel ocupado por cada um nas esferas de trabalho, até as possibilidades de realização de atividades lúdicas, artísticas, literárias, que se materializaram em desigualdades e exclusão.

Scott (1990) nos alerta que, o processo de relação social e comunicativo assimétrico realizado entre homens e mulheres produziu significados restritivos sobre as práticas que poderiam ser realizadas por um homem ou uma mulher. Exatamente aqui a categoria gênero encontra terreno fértil para suas empreitadas analíticas, uma vez que podemos perceber cristalinamente o quanto as diferenças naturais existentes entre homens e mulheres são aumentadas pela sociedade e materializadas em desigualdades na apropriação e objetivação cultural, mediante um conjunto de dogmas hierarquicamente estabelecidos.

Desde a mais tenra idade, os meninos e meninas vão sendo diferenciados paulatinamente por diversas maneiras: roupas, formas de comportamento, cores prediletas. Às meninas sempre mais cuidadosas se valem de laços no cabelo, brincos, batons, tons rosa, enquanto os meninos são induzidos a preferir certas cores (como o azul), e determinados brinquedos (bolas, carros, aviões, piões, dentre outros).

Essas diferenças puderam ser observadas durante a pesquisa.

Raça é um ‘conceito’ que se constitui a partir de uma valoração comparativa entre os traços fisionômicos e fenotípicos apresentados por um grupo de indivíduos. Na estrutura assumida pelo ‘conceito’ raça esses diferentes traços físicos são associados a determinadas características intelectuais e morais e, a partir daí, estabelecida uma hierarquização entre os grupos humanos.

Definida a categoria raça, podemos conceituar o preconceito racial como uma atitude desfavorável aos componentes de determinada raça, que são estigmatizados e discriminados devido suas peculiaridades fenotípicas (forma dos lábios, tipo de cabelo, cor da pele, traços físicos) e culturais (religião, atividades lúdicas), discriminação que impede a ascensão de um determinado grupo na sociedade e atravanca suas possibilidades de desenvolvimento, tanto em aspectos físicos, como materiais e educacionais.

Na fala das crianças nos foi possível constatar várias formas de preconceito vivenciadas na vida desses alunos em seu cotidiano como o reconhecimento da existência da discriminação racial, fato marcante dos alunos não se identificarem como negros e negras, a imagem do negro como ‘feio’ entre outras.

Definir o que é beleza não é uma das tarefas mais fáceis. No dicionário Aurélio (FERREIRA, 1986, p. 90), beleza é definida como “qualidade do belo; pessoa bela; coisa bela.” Já belo é conceituado etimologicamente como: “que tem forma perfeita e proporções harmônicas; que é agradável aos sentidos.” Entretanto, a beleza e o belo não são categorias objetivas ou matemáticas, mas um conjunto de significados simbólicos historicamente construídos, que sofre a influência marcante do contexto em que são estruturadas. O

significado de beleza adquire sentidos distintos para sujeitos de culturas diversas ou vivendo em épocas diferentes.

Essa investigação histórica pode contribuir para a desconstrução dos ideais de beleza estabelecidos pelas sociedades atuais, que oprimem e discriminam grande parte da população brasileira, como os negros, gordos, baixos, pobres, dentre outros. Essa reflexão crítica não deve ser encarada como mera alegoria estética, assim, sua utilização se justifica desde a pré-escola como demonstramos anteriormente, na medida em que, ao se concretizar, redimensiona favoravelmente a qualidade dos inter-relacionamentos entre as pessoas, os quais não devem se pautar em rotulações e estereótipos contra aqueles que diferem dos padrões impostos pelos grupos hegemônicos da sociedade.

Dentro desse complexo, para Vygotsky (1988), a educação sistematizada pode se constituir como uma boa ferramenta no que diz respeito a uma leitura crítica do mundo, que conteste os valores impostos pelas classes dominantes, tais como seus preconceitos e os intrincados processos de exclusão arquitetados por seus grupos. Ou seja, a educação, por intermédio de suas teorias e métodos, pode enraizar nos pensamentos e práticas humanas das mais diversas faixas etárias a necessidade da contestação do sistema discriminatório estabelecido pela sociedade e a possibilidade da edificação de uma nova realidade social mais democrática e efetivamente igualitária.

É claro que a atividade pedagógica possui limites objetivos em sua esfera de realização, e os professores precisam se conscientizar desses elementos. A educação, por ser uma prática subjetiva, não pode alterar de imediato a vida de suas crianças no que diz respeito às condições objetivas de seu meio. Porém pode criar novas engrenagens que apontem os caminhos futuros para a transformação das relações sociais atuais discriminatórias que atuam como verdadeiras barreiras ao desenvolvimento da grande maioria da população. É nessa possibilidade que nosso trabalho se inseriu.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos em nossa pesquisa testemunham acerca da importância assumida pela intervenção docente visando à contestação de possíveis relações sociais preconceituosas desempenhadas no contato entre as crianças. Essa intervenção é justificada pelo fato de, em situações sociais livres, tais como nas brincadeiras comandadas pelas próprias crianças, ao se relacionarem, por diversas vezes, manifestam ações e reações embasadas em pressupostos discriminatórios.

As relações desempenhadas pelos pré-escolares em situações sociais livres são relações apropriadas mediante um moroso processo educacional, ou seja, nada têm de espontâneas. Esse processo, por ser dialético e aprofundado historicamente capitalista, faz com que as crianças ao se apropriarem dos principais conhecimentos produzidos pela sociedade da qual fazem parte, também se deparem com todas as agruras características dessa estrutura social, tais como: a segregação, o racismo, a xenofobia, o machismo, a rigidez nos padrões estéticos corporais, a desigualdade econômica, cultural, política e educacional.

O educador desempenha um papel social importante na (re)construção das identidades individuais e coletivas de seus educandos, dentro desta perspectiva a sua atuação diante da diversidade tanto pode contribuir para a preservação e legitimação dos preconceitos quanto para a sua reconstrução.

Os professores que trabalham com a pré-escola devem estar cientes que o seu trabalho não é só preparar estas crianças para as séries iniciais do ensino fundamental, mas para a vida, pois é no período de zero a seis anos que são lançadas as bases para todas as aprendizagens futuras.

Não se trata de educar todos como iguais, mas sim educar na diferença, ressaltando as especificidades.

Entendemos a urgência de se trabalhar a discussão da diversidade dentro da escola de forma contínua, não somente baseadas em datas comemorativas, pois, se os alunos não forem preparados desde cedo, dificilmente romperão com os preconceitos possivelmente presentes em seu meio e tenderão a reproduzir os padrões de discriminação que aprenderem.

PRE SCHOOL ENVIRONMENT:

the manifestation of prejudice and the intervention of the educator

ABSTRACT

The purpose of this research was aimed at identifying events indicative of prejudice in children aged 5 and 6 years in preschool, both in activities within the classroom and recreation spaces, and explain the possible interventions as established by the teachers, exercise interference in the type of social relationship assumed between peers. Data collection was performed at a Centro Municipal de Educação Infantil in the city of Sinop, in the State of Mato Grosso, using methodological tools closed questionnaire to teachers, observations and notes in field notebook on the practical manifestations of prejudice by children this age group,

focusing on the analytical explanation of how they, as a result of interventions provided by teachers, take upon themselves to label pejoratively stereotyped knowledge difference, patent mark in the construction of man devised in hierarchical designs and homogenizers. The survey results were divided into three categories: gender bias, racial prejudice and bias of beauty, and pointed to the existence of manifestations of prejudice based on these categories during the activities in the classroom and during recreation, in addition to emphasizing the importance exerted by teacher intervention in the defense of such attitudes. In this work the theoretical foundation for resort to the authors: Karl Marx, Joseph Leon Crochík, Lev Vygotsky. We used a closed questionnaire to teachers of Pre II, so that there was the selection of students who would observe in the classroom. In possession of the questionnaire and the observations, we confirmed that the manifestations of prejudice are present but, in the pre-school. And that the interventions made by teachers may contribute to the reconstruction of these concepts and values. Through these interventions the children come to understand the difference as no inequality, but as the historical expression of humanity contained in diverse cultures, societies and human beings. The research concludes stressing the necessity of further study to investigate how children use the prejudice from an early age.

Keywords: Education. Early Childhood Education. Manifestations of prejudice. Children 5 to 6 years. Capitalism and dialectic.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 6022**. Artigo em publicação periódica científica impressa: apresentação. Rio de Janeiro, 2003.

BARROSO, M. E. G. **Dicionário Aurélio Eletrônico** - v. 1. 3, Editora Nova Fronteira, 1994.

BRASIL. Ministério da Educação. *Plano Nacional de Educação – PNE* / Ministério da Educação. Brasília : Inep, 2001.

BRASIL/MEC/SEF. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Brasília, 1998.

CROCHIK, J. L. **Preconceito: indivíduo e cultura**. 2. ed. São Paulo: Robe, 1997.

FERREIRA, A. B. (de) H. **Novo dicionário de língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986

SCOTT, J. W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 16, n. 2, Porto Alegre, jul/dez.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em Educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VYGOTSKY, L. S. Linguagem e desenvolvimento intelectual na idade pré-escolar. In. _____ ; LEONTIEV. A; LURIA, A. R. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem.** 4. ed. São Paulo: Ícone, 1988, p. 103-117.